

O MUSEU VAI À ESCOLA, A ESCOLA VAI AO MUSEU E JUNTOS INVENTAMOS FORMAS DE HABITAR JUNTOS O TERRITÓRIO

LEAN D'OLIVEIRA GONÇALVES PINTO¹; BRUNO MACHADO BARCELLOS²;
ANNA GIULIA ALVARENGA³; DANIEL BRUNO MOMOLI⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – leandoliveira05@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – barcellos.bruno13@outlook.com

³Universidade Federal de Pelotas – anna.gma.25@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – daniel.momoli@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O projeto “Biruta – Ação Educativa do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo” é uma iniciativa unificada de caráter extensionista que apoia o Núcleo Didático-Pedagógico do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG), tendo iniciado suas atividades em março de 2024. Em seu primeiro ano, atendeu 665 pessoas de oito escolas dos municípios de Pelotas, Arroio Grande, Morro Redondo e Rio Grande.

Entre as ações do projeto, destaca-se a atividade “O museu vai à escola, a escola vai ao museu e juntos inventamos formas de habitar o território”, uma proposta experimental de mediação extrainstitucional que busca ampliar o campo educativo das exposições em artes visuais. A iniciativa procura descentralizar o museu, aproximando-o das comunidades de Pelotas e municípios vizinhos. A escolha pela parceria com escolas fundamenta-se no entendimento de que essas instituições desempenham papel central na articulação de políticas sociais nos territórios, envolvendo uma multiplicidade de pessoas. Além disso, de acordo com SILVA e JOVÉ, ressalta-se que propostas que aproximam espaços artísticos, científicos e educacionais promovem uma prática de pesquisa transversal e rizomática, cujas metodologias ativas desafiam concepções tradicionais e enriquecem as formas de perceber e ensinar a contemporaneidade.

A ação se estrutura a partir do deslocamento do museu até a comunidade, em um gesto desterritorializante, que provoca novos olhares sobre os territórios praticados cotidianamente. Em um segundo momento, ocorre o movimento reterritorializante, no qual os participantes são recebidos no museu para a visita a uma exposição. Nesse processo, a mediação voltada às escolas assume um papel central, considerando os espaços e os objetos como elementos estratégicos para despertar a curiosidade e promover a participação ativa dos alunos. Entre esses recursos, conforme MARTINS (2024), destacam-se os objetos propositores, que incentivam a exploração sensorial e intelectual, tornando a aprendizagem mais significativa e estimulando a criatividade.

Até o presente momento, a ação contou com duas edições. A primeira, em novembro de 2024, com uma turma da educação infantil da Escola Municipal Alberto Cunha (Morro Redondo/RS). A segunda, entre maio e junho de 2025, com a Escola Municipal Jeremias Fróes, em parceria com uma turma do curso de Pedagogia da UFPel, sob supervisão dos professores Edson Ponick e Diana Paula Salomão de Freitas. Essas aproximações têm favorecido interações significativas entre escola e museu, fortalecendo vínculos entre estudantes, comunidade e arte, ao mesmo tempo em que evocam um senso de pertencimento ao espaço cultural e educativo do MALG.

2. METODOLOGIA

A ação tem quatro momentos que visam provocar a percepção das pessoas para os lugares que elas vivem. No primeiro momento é feita a entrega de uma carta pedagógica, inspirada em Paulo Freire, à escola convidada. O convite propõe uma experiência dialógica que parte do território da própria comunidade escolar. Cabe à escola decidir se a atividade envolverá uma ou mais turmas. O grupo participante é convidado a construir um roteiro para apresentar à equipe do Projeto Biruta os aspectos mais significativos do entorno em que vivem. No segundo momento, os estudantes da escola atuam como mediadores, conduzindo a equipe do Projeto Biruta pelo território escolar e comunitário, a relevância do pensamento rizomático para a criação de conexões múltiplas e horizontais no processo educativo. Assim, conforme com JOVÉ (2023), a arte é compreendida como potencializadora de mundos possíveis e como estratégia para fomentar o diálogo e o desenvolvimento do pensamento crítico entre os participantes.

No terceiro momento, em data definida pela escola, as pessoas que participaram da ação vão até o museu. Nessa ocasião, visitam a exposição em cartaz, agora mediada pela equipe do Projeto Biruta. O objetivo é aproximar a comunidade do espaço expositivo, estimulando um vínculo afetivo e o reconhecimento do museu como lugar de convivência. No quarto momento, os participantes vivenciam uma experiência reterritorializante que consiste na ressignificação das vivências realizadas, ampliando os modos de ver e perceber o mundo. Entre uma edição e outra fizemos adaptações e ajustes à proposta. Essa abordagem metodológica compreende a docência em artes como um ato de povoamento e invenção, configurando-se como um processo dinâmico que integra criação, resistência e compartilhamento. Busca, segundo MOSSI (2020), superar a distinção tradicional entre arte e vida, convidando educadores a repensar continuamente suas práticas formativas nesse horizonte, promovendo uma educação sensível, crítica e transformadora.

Na primeira edição, a atividade ocorreu próximo ao final do ano letivo e a escola acabou não visitando o museu. No entanto, o envolvimento da Professora da turma foi excelente, pois ao apropriar-se da proposta e ampliou as provocações propondo que as crianças construíssem um mapa sobre o que era importante para elas no território em que viviam.

Na segunda edição, tivemos 03 turmas participando da ação. Foram muitas pessoas e com isso os sentidos da proposta foram sendo desarticulados. Além disso, a participação de estudantes do curso de Pedagogia tornava o grupo de pessoas no museu ainda maior. No momento estamos repensando a ação para uma terceira edição prevista para o ano de 2025.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A interação estabelecida entre universidade, museu e escola revelou-se como um campo fértil para a construção de saberes compartilhados, em consonância com a perspectiva freiriana de uma educação dialógica e problematizadora. O eixo estruturante da proposta esteve no reconhecimento do estudante como sujeito ativo do processo de aprendizagem, cuja voz e experiência de mundo não apenas são acolhidas, mas se tornam constitutivas do fazer educativo.

Nas duas edições realizadas, observou-se que o objetivo de fazer com que os estudantes se sentissem acolhidos e pertencentes ao museu foi efetivamente

alcançado. Tal conquista se deu, sobretudo, pelo espaço conferido à escuta, à expressão e ao diálogo, rompendo com práticas tradicionais de visitação escolar a museus, geralmente pautadas em um modelo transmissivo e hierarquizado.

As crianças foram incentivadas, em todas as etapas, a compartilhar suas percepções sobre os territórios que habitam e, posteriormente, sobre as exposições do museu. Essa abertura às vozes infantis contribuiu para desconstruir a imagem do museu como espaço rígido, silencioso e restritivo, instituindo-o como lugar de encontro, de criação e de circulação de diferentes modos de ver e sentir o mundo. A experiência vivida evidenciou, portanto, o potencial do museu enquanto espaço de educação não formal, capaz de acolher os saberes da comunidade e ressignificá-los por meio da arte.

Nesse processo, o Núcleo Biruta alcançou um de seus principais objetivos: oferecer experiências singulares de mediação cultural, fundamentadas no diálogo e na troca de saberes. As mediações realizadas não partiram apenas do discurso institucional ou curatorial, mas foram atravessadas pelas percepções, interpretações e afetos expressos pelas crianças. Dessa maneira, a mediação assumiu caráter dinâmico, participativo e cocriado, no qual o olhar das crianças foi não apenas considerado, mas valorizado como instância legítima de leitura das obras. Como enfatiza JOVÉ (2023), a aproximação entre arte contemporânea e a formação docente não deve se limitar ao ensino tradicional, mas sim buscar contágios que aconteçam no cerne mesmo da formação, promovendo uma relação dinâmica entre arte e educação que vai além de estratégias metodológicas convencionais. Essa perspectiva ressoa com a prática do Núcleo Biruta, que aposta na mediação como espaço de diálogo vivo e troca efetiva entre agentes culturais e educadores, ampliando o impacto da experiência educativa.

O impacto gerado ultrapassou a simples visitação ao espaço museal. Produziu-se um movimento de desterritorialização e reterritorialização: ao deslocar o museu até a comunidade, provocou-se uma revisão crítica do olhar cotidiano sobre o território vivido; ao receber a comunidade no museu, produziu-se o gesto reterritorializante, em que os fragmentos da vida cotidiana encontraram ressonância e reconhecimento dentro da instituição cultural. Esse processo ampliou o horizonte perceptivo dos participantes e reforçou a noção de pertencimento ao patrimônio artístico e cultural da cidade.

4. CONSIDERAÇÕES

A iniciativa consolidou-se como uma experiência significativa de extensão universitária, fortalecendo o vínculo entre universidade, museu e escola por meio do Núcleo Educativo Biruta, em parceria com docentes do curso de Pedagogia da UFPEl. O projeto Museu Vai à Escola demonstrou ser um dispositivo potente para a articulação entre educação formal e não formal, ampliando a função social do museu e democratizando o acesso à arte. Essa proposta configura um campo interdisciplinar que integra saberes e territórios, impulsionando projetos que rompem com as fronteiras tradicionais da educação, da ciência e da arte, promovendo processos educativos flexíveis, colaborativos e integrados. Assim, de acordo com SILVA E JOVÉ (2019), reafirma-se o museu como espaço vivo de educação e construção coletiva, fortalecendo os laços entre comunidade, escola e instituição cultural.

Considera-se que o objetivo geral foi plenamente alcançado, ao estabelecer um diálogo vivo entre as instituições e promover experiências educativas que extrapolaram a simples visita guiada. O projeto reafirmou o museu como espaço de

convivência, de encontro de saberes e de invenção coletiva. Entretanto, a prática revelou também desafios que se configuram como oportunidades de aprimoramento: Visita prévia de professores – Recomenda-se que os docentes da escola parceira realizem, previamente, uma visita ao museu, de modo a se apropriarem do espaço, das exposições e das propostas do núcleo educativo. Esse gesto inicial permitiria não apenas uma aproximação mais orgânica, mas também a construção de confiança mútua, evitando resistências observadas em momentos de apresentação do projeto. Dimensionamento do público – A participação simultânea de várias turmas, somada à presença de estudantes universitários, produziu um contingente elevado de visitantes, o que se revelou um desafio para a mediação, sobretudo diante da disponibilidade restrita de apenas dois mediadores. A redução do número de participantes por visita, bem como a formação de grupos menores, pode assegurar uma experiência mais qualificada, interativa e proveitosa, observa-se que a mediação cultural com escolas deve respeitar as especificidades do público infantojuvenil, promovendo atividades que valorizem a autonomia, o movimento e o vínculo afetivo, sobretudo em crianças pequenas. Segundo MARTINS (2024), essa abordagem contribui para o desenvolvimento integral dos estudantes e fortalece a relação entre o museu, a escola e a comunidade. Planejamento colaborativo – Sugere-se que o desenho das atividades no museu seja construído de forma colaborativa com a escola parceira, em vez de adaptar propostas já existentes. Esse planejamento conjunto, em perspectiva coautoral, reforça o sentimento de pertencimento, amplia o engajamento e permite maior adequação às demandas pedagógicas específicas de cada comunidade escolar. Formação continuada – A experiência aponta para a importância de pensar a ação não como evento pontual, mas como processo formativo continuado, em que o diálogo entre museu e escola se prolongue no tempo e reverbere em outras práticas pedagógicas.

Diante disso, compreende-se que a ação “Museu Vai à Escola” não apenas cumpriu seu papel extensionista, mas abriu caminhos para repensar o museu como espaço vivo de educação, atravessado pelas vozes da comunidade e comprometido com a construção de uma cidadania cultural, crítica e participativa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JOVÉ, G. Encontros e devires transoceânicos com arte contemporânea e formação docente. **ARTEVERSA: arte, docência e outras invenções**, São Paulo: Pimenta Cultural, 2023. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/04/eBook_arteversa-arte.pdf

MARTINS, M. C., *et al.* MediAÇÃO cultural: proposições, pesquisas e experiências estéticas com arte na contemporaneidade. São Paulo: **Editora LiberArs**, 2024.

MOSSI, C. P. Povoamentos e resistências entre docência e criação no ensino das artes. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, e219274, 2020.

SILVA, Antonio Almeida; JOVÉ, Glòria. Conexões entre Arte, Ciências e Educação: experimentando o conceito de museu imaginário. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 11, n. 25, p. 13–33, 2019. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/15995>.